

O presente artigo – “O continente grupal enquanto contendor do terror sem nome” – é pleno de atualidade e pertinência, sobretudo por duas razões.

A primeira deve-se ao facto de abordar um tema que merece ser valorizado: o das angústias muito precoces, nomeadamente as de terror sem nome. Pelo nível profundo de regressão que uma Grupanalise pode promover e pela organização psicótica ou borderline que caracteriza o funcionamento mental de muitos indivíduos que fazem Grupanalise, o surgimento daquelas angústias é uma realidade incontornável.

A segunda razão prende-se com o tema da multidisciplinaridade e com o enriquecimento do corpo teórico da Grupanalise. Bion e Kaës não constituem as principais referências da Grupanalise Portuguesa, mas têm visões próprias sobre o funcionamento dos grupos. O psicodrama, por seu lado, ainda que assente em pressupostos diferentes dos da Grupanalise, é uma técnica psicoterapêutica grupal e, no caso referido, busca alguns fundamentos à Psicanálise.

Um diálogo frutífero com outras disciplinas, outros saberes e outras abordagens pode funcionar como um fator de enriquecimento dos construtos teóricos sobre os grupos, bem vindo, na minha opinião, à Grupanalise.

Por estas razões, o artigo em questão constitui um documento cuja publicação será de relevante importância para a nossa revista.

A acrescentar à pertinência do seu conteúdo, destaco ainda a sua redação clara, concisa e bem estruturada.